

música

O vinil tem mais soul

Depois do jazz, Joaquim Paulo propõe um livro de capas de discos, com o carimbo da Taschen, que reflecte a aliança entre o funk e a soul dos anos 1960 e 70 e uma linguagem visual explosiva.

Texto Vitor Belanciano Fotografia Daniel Rocha



A música não é apenas música. Está sempre em conexão próxima com a arte, a literatura, a política, com movimentos sociais ou com algumas das formas mais antigas de atribuição de identidade. Da mesma maneira aquilo que envolve a música – as capas de discos de vinil ou as capas de CDs – possui um sentido, um conceito, uma forma, uma existência própria, mesmo quando não pode ser dissociada do elemento sónico. Joaquim Paulo sabe-o.

É por isso que os vinis, e as respectivas capas, o fascinam tanto. É aí que a expressão cénica da música ganha maior expressão. Em 2008

organizou para a editora alemã Taschen o livro *Jazz Covers*, que viria a obter sucesso comercial, com alguns prémios à mistura, como o Prix du Livre da Academia Francesa de Jazz.

Agora regressa com *Funk & Soul Covers*, livro de 430 páginas com disco de 7 polegadas lá dentro, e com um dispositivo semelhante ao anterior. Viagem pessoal e intransmissível à volta da música soul e funk, em particular os anos 1960 e 70, a partir de 500 capas de discos. Na maior parte há um grafismo intenso, explosão de cores, imagens de uma vitalidade em bruto que reflectem os agitados anos 1970, mas também a vibração da cultura musical *blaxpotation*. E em preparação já está um terceiro volume dedicado ao Brasil, incidindo na bossa nova e no tropicalismo.

A Taschen não é propriamente conhecida pela edição de livros relacionados com o universo da música, daí que esta aposta seja ainda vivida com alguma admiração por Joaquim Paulo, com um percurso profissional feito até aqui na rádio. “O sucesso do primeiro livro não foi apenas uma surpresa para mim, foi-o também para a Taschen”, reflecte. “Eles batalharam pelo livro, ajudaram-me muito, mas existia algum receio, pelo facto de a Taschen não ter tradição na publicação de títulos de música.”

Mas a verdade é que *Jazz Covers* vingou. Em particular no mercado japonês, reduto de co-

leccionadores inveterados de vinil, onde o livro poderia ser eventualmente mais alvo de críticas por constituir um mapeamento pessoal e não ter propósitos científicos ou historicistas. “O livro foi traduzido para cinco línguas, mas onde tinha mais receio da recepção era o Japão”, reflecte. “Conheço muitas pessoas ligadas ao jazz no Japão e são muito enciclopédicos, conhecedores de tudo, extremamente rigorosos.”

Passada a prova nipónica, ei-lo agora em território soul e funk. O processo de selecção não foi muito diferente do encetado há dois anos. Em primeiro lugar, olhou para a sua colecção particular de 25 mil discos de vinil. “Isto começa sempre com uma selecção caótica com pilhas de discos e depois vou tirando coisas” diz.

Retira parte da colecção de discos de fora das estantes. Dispõe os discos no chão. Tenta encontrar pontos de contacto entre eles. “Há coisas na minha cabeça que são óbvias e que, logo à partida, têm de estar incluídas na escolha” afirma. Mas depois trata-se de pensar em pontos de contacto entre eles. “Há discos que têm fotografos comuns e outros que pertencem a editoras particulares, como a Stax ou a Motown, que quero seleccionar.”

O difícil é criar uma selecção que contemple discos que são conhecidos de uma larga maioria e uma escolha mais pessoal. “Há →

música

os óbvios. Os históricos, que foram poderosos do ponto de vista musical e gráfico. Esses discos têm que estar. Mas tento ir mais além. Pesquisar. Procurar o mais obscuro de algumas editoras.”

Stax e Motown

Algumas das editoras nucleares, do ponto de vista sónico e gráfico, dos anos 1960 e 70, quando se pensa em soul e funk, foram exactamente a Motown e a Stax. Nos anos 1960, a Motown era uma autêntica fábrica de talentos. Eram descobertos em concursos. Conduzidos para estúdio, onde gravavam com músicos de sessão. Era soul-feita-por-medida, que pretendia fornecer uma imagem mais lúdica e menos politizada da “música negra”. Com a Motown, a “música negra” tornou-se mais apetecível para as audiências brancas.

“A Motown tinha realmente uma imagem tipificada, era como se fosse uma linha de montagem”, reflecte Joaquim Paulo. “Se pegarmos nos singles das Marvelettes até aos singles das Supremes, aquilo é tudo muito parecido, até em termos gráficos.”

Para fugir a essa tipificação concentrou-se num período de transição da editora, quando artistas como Marvin Gaye ou Stevie Wonder começaram a afirmar a sua individualidade, assumindo uma visão de autor. No princípio dos anos 1970. “Depois do álbum *What's Going On* do Marvin Gaye e das novas abordagens do Stevie Wonder, a Motown deu uma volta, renovando a imagem sonora e gráfica. É esse período que me interessa, e não tanto a Motown dos anos 1960, encarada como mera fábrica de singles.”

Fugir às escolhas mais evidentes levou-o a vasculhar e a incluir no livro algumas peças raras. O propósito não é em vão. Tem qualquer coisa de pedagogia. “Alguns desses discos mais raros que incluí são coisas que as pessoas já têm algumas referências – nomeadamente através da utilização de pequenos excertos no hip-hop – mas mais sonoras do que gráficas.” Grande parte do seu prazer é esse. Desenterrar algumas raridades. E dá-las a conhecer.

Nesse grupo coloca os Able, um colectivo americano que durante alguns anos ficou conhecido por fazer as primeiras partes dos concertos dos Parliament nos anos 1970, e alguns discos que fogem ao contexto hegemónico anglo-saxónico. “Tentei encontrar coisas de outros países,



1



4



5



6



7



8



9



2



3

1 O clássico *A Love Supreme*, de John Coltrane, o disco favorito de Joaquim Paulo 2 Os Parliament, com *Mothership Connection* (1975) 3 *Spirit*, do colectivo *Earth, Wind & Fire* (1976) 4 *Honky Tonk Popcorn*, de Bill Doggett (1969) 5 Isaac Hayes, *Black Moses* em 1972 6 Bobby Lyle, *The Genie* (1977) 7 *Curtis*, de Curtis Mayfield (1970) 8 *Os The 9th Creation*, com *Bubble Gum* 9 Os Funkadelic com o álbum homónimo de 1970

funk francês, turco ou argentino, por exemplo, e encontrei coisas maravilhosas.” Outro vector que não foi esquecido é a África de Fela Kuti e de tantos outros representantes afro-funk dos anos 1970. “Esse cruzamento com coisas mais africanas também me levou a incluir algumas raridades, de facto.”

Na selecção das 500 capas existiu um critério inabalável. “Tenho que gostar muito do disco, isso é ponto assente”, afirma. Ou seja, tem que ser, em primeiro lugar, uma obra marcante do ponto de vista musical. A estética surge por acréscimo. Também relevante é existir uma visão de conjunto, o que implica pragmatismo na hora de separar e escolher. “Se tivesse apenas uma aproximação apaixonada nunca conseguiria arrumar a grande floresta dos discos” ri-se ele. Ou seja, por vezes, prescinde de alguns discos para obter uma panorâmica equilibrada e coerente. “Se fosse apenas o coração do fã a falar teria mais de dez discos do Curtis Mayfield ou do Marvin Gaye e isso não pode ser”, afirma.

Para além da capa

Mas o livro não é apenas capas, respectiva ficha técnica e enquadramento. Há também *tops* de discos feitos por figuras contemporâneas convidadas (Steinski, Danny Krivit, Andy Smith, Quantic, Nicolas Godin dos Air ou Kalaf dos Buraka Som Sistema) e entrevistas com algumas figuras históricas, como o compo-

Na selecção das capas existiu um critério inabalável. “Tenho que gostar muito do disco, isso é ponto assente”

sitor Gabriel Roth, o produtor Larry Mizell ou o jornalista David Ritz, biógrafo de Marvin Gaye e de outras lendas da soul como Smokey Robinson, Etta James, B.B. King ou Ray Charles.

Não são propriamente personalidades que o grande público reconheça. Mas foram escolhidas justamente para mostrar que a música é feita a partir da multiplicidade de papéis e de figuras diversas (produtores, músicos de sessão, managers, editores, designers) que não se esgota no rosto do músico que identificamos. “Ao contrário do que aconteceu no outro livro, onde obtive respostas muito rápidas das pessoas com quem desejava falar, neste foi mais difícil. Umas conseguiram, outras não. Interessavam-me pessoas que trabalhariam na sombra, mas que ajudaram a produzir discos importantes e que, de uma forma ou outra, ajudaram à evolução da música negra”, justifica o autor.

Mas nem só de figuras históricas se fizeram essas conversas. Gabriel Roth, músico e engenheiro de som ligado à Daptone Records, uma das principais responsáveis pelo ressurgimento da soul e funk clássico na actualidade, graças a nomes como Sharon Jones e os Dap Kings, também foi entrevistado. “Ele é muito radical” diz Joaquim Paulo,

“acha que a música acabou em 1974, mas esse posicionamento também acaba por ser interessante”.

A passagem inexorável do tempo acaba por estar presente em todas as histórias contadas. Em particular quando hoje tanto se discute a revolução digital na música e a forma como novos formatos imateriais, como o mp3, vieram colocar em causa a relação com a música através do objecto físico vinil ou CD.

Ninguém parece duvidar que o futuro será cada vez mais digital, mas a relação com o objecto continuará a ser importante. Pelo menos é nisso que acredita Joaquim Paulo. “Uma coisa é partilhar um ficheiro. Outra é ter o objecto. Essa relação nunca morrerá. Não tenho nada contra o digital, mas o vinil é outra coisa. Tem mais soul.” É difícil não concordar com ele, pelos menos enquanto se devoram as imagens expostas em *Funk & Soul Covers*. ●

vitor.belanciano@publico.pt

